



## Primo Levi, os entretons da zona cinzenta e o *Sonderkommando*

Primo Levi, the shades of gray zone and the *Sonderkommando*

Keilah Freitas Gerber\*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

keilahgerber@gmail.com

**Resumo:** Primo Levi introduz em seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes*, a categoria da *zona cinzenta* e alguns personagens históricos que a habitam. Dentre eles, os membros do *Sonderkommando*. Tanto a *zona cinzenta* quanto os *Sonderkommandos* têm sido alvos de interpretações que parecem desconsiderar traços essenciais para uma compreensão mais acurada desses elementos. No intuito de contribuir para a discussões sobre os matizes grises e o polêmico *Sonderkommando*, busca-se destacar algumas estruturas conceituais e históricas, mantendo como eixo norteador a pena de Primo Levi.

**Palavras-chave:** Primo Levi. Zona cinzenta. *Sonderkommando*.

**Abstract:** Primo Levi introduces in his last book, *The drowned and the saved*, the category of the *gray zone* and some historical personages that inhabit it. Among them, members of the *Sonderkommando*. Both the *gray zone* and the *Sonderkommandos* have been subject to interpretations that seem to ignore essential traits for a more accurate understanding. In order to contribute to the discussions about the shades of gray and the controversial *Sonderkommando*, we highlight conceptual and historical frameworks, keeping Primo Levi's pen as a guideline.

**Keywords:** Primo Levi. Gray zone. *Sonderkommando*.

### Introdução

Primo Levi, judeu italiano e sobrevivente de Auschwitz III-Monowitz, também conhecido como Buna, dispensa grandes apresentações. Químico e escritor, o seu nome é associado mundialmente a uma prolífera produção testemunhal sobre a *Shoah*, que se deu sob diversos mantos: memórias, poesias, contos e romances. Em seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes*<sup>1</sup>, publicado em 1986, Primo Levi apresenta a categoria da zona cinzenta, uma zona de indeterminação e entretons, marcada pelo

---

\* Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. L

<sup>1</sup> LEVI, 2016.



uso de extrema violência pelos algozes nazistas e desejo de sobrevivência por parte dos prisioneiros. Tal concepção se opõe aos discursos heroicos e às tendências maniqueístas e simplistas de leitura dos Campos de concentração e de extermínio. Nesse sentido, a zona cinzenta pode ser lida como uma advertência contra idealizações<sup>2</sup>, pois Levi apresenta as complexas configurações e relações no *Lager*, composta por camadas muitas vezes ambíguas e não homogêneas, em que o elo entre violência e solidariedade pode coexistir em cada um. Nessa seara o ato de julgar, em especial as vítimas, se torna particularmente difícil e jamais pode ser desconectado da lógica interna do *Lager*.

A despeito de não ser um termo universalmente utilizado na análise do sistema concentracionário, a fórmula conceitual *zona cinzenta* se tornou referência para pesquisadores de diversas áreas, o que favoreceu tanto a sua divulgação quanto sua distorção. A noção de zona cinzenta tem sido alvo de inúmeras extrapolações e apropriações esvaziadas, se afastando da concepção original de Primo Levi apesar de fazer referência a ela<sup>3</sup>. Tais confusões ou leituras apressadas são curiosas, pois, justamente em seu último livro, Levi<sup>4</sup> adverte sobre o perigo da simplificação e esmera a dar um giro a mais na formalização conceitual do que foi a experiência no *Lager*. Como ele mesmo observa, passados mais de quarenta anos de sua libertação de Auschwitz III-Monowitz, em *Os afogados e os sobreviventes*, Levi se dedica mais às considerações do que às lembranças<sup>5</sup>.

Uma importante figura histórica que Primo Levi destaca para abordar tanto a zona cinzenta, quanto as implicações éticas das ações e a problemática de julgar no contexto da *Shoah*, é o *Sonderkommando*, o Esquadrão Especial em eufemismo nazista. Sendo judeus responsáveis por detestáveis atividades relacionadas ao extermínio de outros judeus, eles são tomados como caso-limite da colaboração<sup>6</sup> e figura extrema da zona cinzenta<sup>7</sup>. São personagens pouco estudados porquanto envolvidos em uma nuvem de polêmica e ódio. Os membros do *Sonderkommando* acendem questões inflamáveis no pós-*Shoah*: quem pode ou não pode ser considerado agente moral e, conseqüentemente, quem deve ou não ser julgado. Se durante o cativeiro muitos podem ter se sentido incapazes de conceber ideias complexas<sup>8</sup>, no pós-guerra a

---

<sup>2</sup> BRAVO, 2022.

<sup>3</sup> BRAVO, 2014, p. 137; BROWN, 2015.

<sup>4</sup> LEVI, 2016.

<sup>5</sup> LEVI, 2016, p. 26.

<sup>6</sup> LEVI, 2016, p. 38.

<sup>7</sup> AGAMBEN, 2018, p. 34.

<sup>8</sup> LEVI, 2002, p. 56.



exigência por respostas inquietou vários sobreviventes<sup>9</sup>. A zona cinzenta se apresenta nesse contexto introduzindo questões difíceis que não podem ser respondidas apressadamente ou inocentemente. Não podemos esquecer que a *Shoah* confronta as vítimas e a humanidade com dilemas éticos insolúveis e sem precedentes na história<sup>10</sup>. No intuito de contribuir para as discussões sobre os matizes grises e o polêmico *Sonderkommando*, busca-se destacar algumas estruturas conceituais e históricas, mantendo como eixo norteador a pena de Primo Levi.

## 1 Para sobreviver paga-se um preço

A radicalidade da formulação sobre a zona cinzenta tem como pano de fundo a relação entre o poder e o desejo de viver em um sistema violentamente autoritário, razão pela qual exploraremos primeiramente esse aspecto do contexto concentracionário. Para ter acesso ao poder, que permitia melhores condições de sobrevivência, era necessário se colocar, de alguma forma, entre a colaboração e o privilégio – talvez mais em relação ao último do que ao primeiro. A disponibilidade de colaborar com o poder possui as suas próprias nuances e pode se associar tanto ao medo quanto ao cálculo astuto de escapar das regras<sup>11</sup>, ou à combinação desses e outros tantos fatores, que visava o ganho e a manutenção do privilégio. No contexto do *Lager* uma doença e até mesmo a morte poderia ser evitada com um suplemento alimentar, mas para ter acesso a tal acréscimo, seja por meios lícitos ou ilícitos, era preciso estar acima das normas e dispor de alguma vantagem<sup>12</sup>, inclusive sobre outros prisioneiros. É por isso que se diz que a total separação entre vítima e algoz perde espaço para as nuances em que ser vítima não significa ser de todo inocente<sup>13</sup>. Afinal, aos prisioneiros dispostos caberia a luta pela sobrevivência independente do preço a ser pago. Diante de um cenário que empurra uma vítima contra a outra, não era possível para Levi ver o mundo a partir da simplificação do nós contra eles, pois o inimigo estava ao redor e estava também dentro. As fronteiras entre adversários eram muitas e confusas, levando os prisioneiros a uma luta constante, oculta e desesperada<sup>14</sup>. Aqui cabe reforçar um pormenor: uma vítima se tornar inimigo de outro prisioneiro na luta pela sobrevivência não dá abertura para confundir o “prisioneiro-inimigo” com os

---

<sup>9</sup> LEVI, 2010, p. 209.

<sup>10</sup> BROWN, 2007, p. 143.

<sup>11</sup> LEVI, 2016, p. 32-33.

<sup>12</sup> LEVI, 2016, p. 31.

<sup>13</sup> BELPOLITI, 2015, p. 2841.

<sup>14</sup> LEVI, 2016, p. 28.



perpetradores nazistas. O limite dessa linha não deve ser ultrapassado, fazê-lo seria uma doença moral<sup>15</sup>.

A visão não heroica da experiência no *Lager* e a configuração do sistema de relações entre os prisioneiros fez com que Levi ponderasse que aqueles que se salvaram não foram os melhores. Ao contrário, ainda que não exista uma regra que explique a morte de uns e a sobrevivência de outros, “sobreviviam os piores, isto é, os mais adaptados; os melhores, todos, morreram<sup>16</sup>”. Nesse cálculo, Primo Levi se via incluído, mesmo se considerando inocente. Não ser capaz de “ajeitar as coisas” tinha como consequência se tornar um dos submersos, um “muçulmano”, sem que houvesse espaço para uma terceira via<sup>17</sup>. Não causa espanto que muitos, em alguma medida, se viram perdendo a dignidade humana tão logo passaram pelos portões do *Lager*<sup>18</sup>. Ademais, toda a engrenagem do sistema nazista trabalhava para tornar os prisioneiros em animais<sup>19</sup>: menos capazes de pensar e mais dispostos a seguir ordens; é a própria “demolição do homem como homem<sup>20</sup>”. Portanto, longe de santificar as vítimas, o nazismo as degrada<sup>21</sup>.

Primo Levi não descarta os interesses pessoais dos sobreviventes em se misturar com os opressores, mas ele considera imprudente ajuizar sobre esses casos, uma vez que o peso maior incide inequivocamente sobre a estrutura do Estado totalitário e acrescenta: “se dependesse de mim, se fosse obrigado a julgar absolvia facilmente todos aqueles cujo concurso para o crime foi mínimo e sobre os quais a coação foi máxima<sup>22</sup>”. Um dos pilares de sustentação de sistemas totalitários é a imposição do terror e da crueldade como formas de controle que forcem os cativos a executarem as tarefas mais execráveis<sup>23</sup>. A lógica de funcionamento do *Lager* explicitava que o intento nazista era comprometer ao máximo as vítimas, criando um vínculo de cumplicidade degradante<sup>24</sup>. Nos sistemas autoritários, de um modo geral, além de serem delegadas atividades que os superiores não se interessam por fazer, resultando em menor esforço

---

<sup>15</sup> LEVI, 2016, p. 17.

<sup>16</sup> LEVI, 2016, p. 65.

<sup>17</sup> LEVI, 1988, p. 131.

<sup>18</sup> AGAMBEN, 2008.

<sup>19</sup> LEVI, 1988, p. 55; LEVI, 2016, p. 59.

<sup>20</sup> LEVI, 2005a, p. 123-124.

<sup>21</sup> LEVI, 2016, p. 30.

<sup>22</sup> LEVI, 2016, p. 33.

<sup>23</sup> WILKERSON, 2021.

<sup>24</sup> LEVI, 2016, p. 32.



físico para eles, a presença de hierarquia entre os prisioneiros aumenta o tom de insegurança e a tensão entre eles<sup>25</sup>.

As ações dos nazistas visavam o máximo de sofrimento às vítimas, tanto físico quanto moral, para que elas morressem em tormento<sup>26</sup>. Ademais, quanto maior a opressão, maior a disponibilidade do oprimido a se aliar ou cooperar com o poder em troca de privilégios. Para não sair de Auschwitz pela chaminé, Levi pondera, “se quisermos viver aqui, teremos de aprendê-lo, bem e depressa<sup>27</sup>”. Pode-se questionar o porquê de lutar pela sobrevivência em um lugar tão inóspito e atroz e as respostas a essa questão se multiplicariam sem que, certamente, conseguíssemos satisfazer a curiosidade do interlocutor. No presente texto não conseguiríamos explorar essa questão adequadamente, mas Primo Levi lança uma pista que inclui e ultrapassa o universo concentracionário: “os objetivos da vida são a defesa ótima contra a morte<sup>28</sup>”. Muitos relatam o desejo de viver para se vingar dos nazistas ou para testemunhar, como se considerassem esse ato uma obrigação moral, uma revanche contra os nazistas que queriam ter o domínio sobre a história dos *Lager*<sup>29</sup>. Isso os coloca na urgência de preservar a vida mesmo estando diante da morte cotidiana, banal e burocrática. Ainda sobre a relação entre a vida e a morte no *Lager*, Levi<sup>30</sup> questiona o porquê de poucos suicídios ocorrem durante o cativeiro e muitos se darem após a libertação. Ele promove três hipóteses não excludentes: 1. O suicídio é próprio do homem e no *Lager* os prisioneiros estavam em estado animalesco, subjugados, e não havia muitas oportunidades para fazer escolhas; 2. O dia-a-dia dos cativos era preenchido com preocupações imediatas como comer, beber, se proteger do frio e dos golpes, ou seja, a presença ameaçadora da morte não deixava tempo para pensar na ideia da morte; 3. O suicídio nasceria de um sentimento de culpa que não encontraria punição na realidade para atenuá-lo e, no *Lager*, a punição vinha do próprio funcionamento do cativeiro relegando o sentimento de culpa a um segundo plano, que só ganharia corpo após a libertação. A culpa, e poderíamos evocar a vergonha, descartada racionalmente não é de todo aplacada, pois se associa a não ter feito nada ou não ter feito o suficiente contra o sistema concentracionário ou para auxiliar os companheiros de sofrimento.

No *Lager* as concepções de bem e mal e o próprio constructo moral precisavam ser silenciados, era necessário renunciar aos valores morais pessoais. Esse é um ponto

---

<sup>25</sup> WILKERSON, 2021.

<sup>26</sup> LEVI, 2016, p. 98.

<sup>27</sup> LEVI, 1988, p. 37.

<sup>28</sup> LEVI, 2016, p. 120.

<sup>29</sup> LEVI, 2016, p. 7.

<sup>30</sup> LEVI, 2016, p. 60.



fundamental na concepção de Primo Levi<sup>31</sup> sobre a zona cinzenta: a régua moral em Auschwitz, e no universo concentracionário de um modo geral, não é a mesma do que a nossa. A resistência em abdicar da lógica e da moral anteriores impedia “a aceitação de uma realidade ilógica e imoral<sup>32</sup>”, e isso podia implicar em morte. A luta pela sobrevivência se dava por caminhos difíceis e inimagináveis e fazia com que cada um se tornasse desconfortavelmente só<sup>33</sup>. Tal perspectiva destoa da vontade de alguns sobreviventes de extrair da experiência concentracionária, principalmente, exemplos de solidariedade, compaixão e resistência. Longe de romantizações, Levi entendia no corpo que quando a sobrevivência está em jogo, as bases da confiança e caridade tendem a ruir vergonhosamente. Dois lemas destacados por ele condensam bem a aporia do *Lager*: “ao mudar, muda-se para pior” e “come teu pão e, se puderes, o do teu vizinho”<sup>34</sup>. O resultado não poderia ser outro, os prisioneiros adaptados estavam também “quebrados, vencidos<sup>35</sup>”. Sobreviviam, mas se tornaram profundamente cinzentos, como tudo ao seu redor. Assim, o que figura como pano de fundo é também parte constituinte, inseparável, do conceito de zona cinzenta.

## 2 Entretons cinzas

Por mais que a expressão *zona cinzenta* tenha sido apresentada apenas no último livro de Primo Levi, Bianca Guidetti Serra, sua amiga de longa data, afirma tê-la ouvido pela primeira vez em 1946 e que, desde o início, estava colocado para ele o problema de como compreender o que tinha acontecido e porque os homens se comportaram como o fizeram<sup>36</sup>. Tais questionamentos já podiam ser vistos, de certa forma, em *É isto um homem?* e ganham com o passar do tempo mais nuances. Dez anos antes da publicação de *Os afogados e os sobreviventes*, Primo Levi anunciava a insuficiência da retórica maniqueísta para dar conta do universo concentracionário ao mesmo tempo em que cuidava de preservar a diferença entre carrascos e vítimas; ele também sugere que o tortuoso e delicado ato de julgar quem, de algum modo, esteve sob o domínio nazista, seja feito com a mão mais leve e com a mente menos perturbada. O texto em questão é o prefácio à edição italiana de *The night of the Girondists*, de Jacques Presser<sup>37</sup> que bem retrata, na visão de Levi, a divisão do judeu ocidental entre a assimilação e a judeidade, além de apresentar os efeitos de degradação e contaminação das vítimas

---

<sup>31</sup> LEVI, 2016, p. 59 e p. 134.

<sup>32</sup> LEVI, 2016, p. 115.

<sup>33</sup> LEVI, 1988.

<sup>34</sup> LEVI, 1988, p. 171 e p. 234.

<sup>35</sup> LEVI, 1988, p. 220.

<sup>36</sup> BROWN, 2015, p. 44-45.

<sup>37</sup> LEVI, 2005b.



operado pelo sistema nacional-socialista, capaz de corrompê-las pelo medo ou pela sedução<sup>38</sup>. A primeira vez que a expressão *zonas cinzentas* apareceu na escrita de Levi foi em novembro de 1977, em um artigo do jornal italiano *La Stampa* dedicado a Chaïm Rumkowski, presidente do gueto de Lodz<sup>39</sup>. Em 1979, em entrevista, Primo Levi volta a usar a locução *zona cinzenta* que separa os oprimidos dos opressores<sup>40</sup>. A diferença da moralidade do *Lager* daquela percebida fora do universo concentracionário, concepção importante na compreensão da zona cinzenta, foi abordada em entrevista concedida por Primo Levi a Anna Bravo e Federico Cereja, em 1983<sup>41</sup>. Desse modo, percebe-se que a formulação foi ganhando consistência ao longo dos anos, incorporando informações que Levi coletava de diversas fontes, incluindo o testemunho de outros sobreviventes.

Dentro da concepção de Levi, o cinza é a cor que representa o desejo e o compromisso de sobreviver à fábrica da morte. Nela opera a ambiguidade, ou seja, é preto e é branco. Como bem nos lembra Ginzburg<sup>42</sup>: a ambiguidade não é diferença. Primo Levi sustenta que entre os extremos não há espaços vazios, entre o preto e o branco há “figuras torpes ou patéticas (às vezes possuem as duas qualidades ao mesmo tempo), que é indispensável conhecer se quisermos (...) saber defender nossas almas<sup>43</sup>” quando provação semelhante se apresentar novamente. A zona cinzenta não é, portanto, um lugar de neutralidade entre dois polos, nem tampouco um campo turvo de desconhecimento sobre o qual não se tem interesse em aprofundar<sup>44</sup>, como apontam alguns. Também não é uma metáfora<sup>45</sup> para a ambiguidade e a ausência de limites claros entre dois extremos, tal como expressam outros. Apesar de conter essas últimas características – ambiguidade e ausência de limites claros – há de se pesar as responsabilidades, o sistema autoritário e a luta pela sobrevivência. A agudeza apresentada por Primo Levi em *Os afogados e os sobreviventes*, é a de que em Auschwitz o que domina é a absolutização da vida<sup>46</sup>, e não meramente da morte, enquanto esforço que cada deportado fez pela sobrevivência no experimento biológico e social<sup>47</sup> que foram os *Lager*.

---

<sup>38</sup> LEVI, 2005b, p. 313; 316.

<sup>39</sup> MESNARD, 2010, p. 31.

<sup>40</sup> GINZBURG, 2014, p. 14.

<sup>41</sup> CEREJA; BRAVO; LEVI, 2014 [1983], p.63.

<sup>42</sup> GINZBURG, 2014, p. 18.

<sup>43</sup> LEVI, 2016, p. 30.

<sup>44</sup> BRAVO, 2014, p. 142-143.

<sup>45</sup> BRAVO, 2022.

<sup>46</sup> BELPOLITI, 2015, p. 2847.

<sup>47</sup> LEVI, 1988.



Como já fora introduzido, a *zona cinzenta* possui “uma estrutura interna incrivelmente complicada e abriga em si o suficiente para confundir nossa necessidade de julgar<sup>48</sup>”. Ela compreende as questões relacionadas à ambiguidade e a imprecisão de limites, bem como chama para a análise as relações de poder, os papéis desempenhados por cada um, os privilégios e as pressões às quais os prisioneiros estiveram submetidos<sup>49</sup>. Conforme antecipado, por meio dos termos “colaboração” e “privilégio” Primo Levi abordará as figuras acinzentadas do *Lager*, porém, considerando que a palavra “colaboração” pode conotar uma associação voluntária, concordamos com Brown<sup>50</sup> que a locução *cooperação forçada* parece mais adequada ao contexto. Afinal, o espectro de escolhas dos prisioneiros era mínimo, quando estava disponível. Tal substituição significativa interessa a essa discussão, pois vale sublinhar que somente por meio da autonomia, enquanto lei que o sujeito dá a si mesmo em condição de liberdade, é que ele se torna agente moral capaz de autogovernar-se<sup>51</sup>. Ou seja, apenas uma escolha livre é moralmente vinculativa<sup>52</sup>. O cinza, por conseguinte, representa também diferentes matizes de responsabilidade dentro do *Lager* que não podem ser pesadas se desconsiderarmos o estreitamento do campo da liberdade e autonomia.

Desse modo, a tentativa de Primo Levi de percorrer o campo escorregadio da zona cinzenta diz respeito, ainda, a um franco questionamento sobre as responsabilidades no contexto da *Shoah*, explicitando o quão difícil é operar com um sistema brutal e moralmente tão distinto da cultura em geral. Primo Levi<sup>53</sup> afirma que o julgamento apressado das figuras da *zona cinzenta* é desaconselhável e imprudente, inclusive por quem conheceu o inferno do *Lager*. Afinal, nas condições adversas que se encontravam os prisioneiros, era improvável, quando não impossível, que eles conseguissem ter uma visão ampla do que ocorria ao seu redor<sup>54</sup>, o que dirá de outros *kommandos*. A experiência de uma situação de violência extrema e traumática também concorre para deixar pontos cegos. A carência de uma visão mais ampla do universo concentracionário certamente marcou os testemunhos dos prisioneiros comuns e, a despeito de terem um observatório melhor, não deixou de limitar a percepção dos judeus privilegiados, falseada, inclusive, pelo próprio status do privilégio<sup>55</sup>. A respeito

---

<sup>48</sup> LEVI, 2016, p. 32.

<sup>49</sup> BRAVO, 2022.

<sup>50</sup> BROWN, 2007, p. 157.

<sup>51</sup> SAFATLE, 2013.

<sup>52</sup> ZIZEK, 1992.

<sup>53</sup> LEVI, 2016, p. 46.

<sup>54</sup> LEVI, 2016, p. 11.

<sup>55</sup> LEVI, 2016, p. 12.





dos “corvos do crematório”, como Levi certa feita nomeou os membros do *Sonderkommando*, ele insiste que a história desses homens seja ponderada com piedade e rigor, mas que o julgamento permaneça suspenso. A despeito da recomendação, seria possível suspê-lo de todo?

### 3 O caso-limite

De saída é preciso notar que a posição de Primo Levi em relação aos membros do *Sonderkommando* se modificou ao longo do tempo. A sua primeira impressão foi registrada no *Relatório ao Comando Russo*, escrito entre 1945 e 1946 com médico italiano Leonardo de Benedetti, no qual afirma que tais prisioneiros “tinham um aspecto absolutamente selvagem, de animais ferozes. Eram escolhidos entre os piores criminosos condenados por graves crimes de sangue<sup>56</sup>”. Sabemos que em Monowitz abordar os crematórios e as câmaras de gás era feito de maneira censurada, pois era considerado uma falta a ser evitada, que encontrava como resposta habitual o silêncio ou o menosprezo<sup>57</sup>. Por essa razão lá não sabiam “muito a respeito do “Campo Maior”, de Auschwitz propriamente dito<sup>58</sup>”. Apesar disso, chegavam alguns “boatos vagos e truncados<sup>59</sup>” sobre os *Sonderkommandos*. Podemos presumir, portanto, que Primo Levi não teve contato direto com nenhum prisioneiro desse *Kommando* e que as informações que obteve, em especial naquele primeiro momento, foram bastante limitadas e imprecisas. Não tão distintas foram as descrições de Hannah Arendt que afirmou que esses homens “tinham sido empregados em toda parte no processo de aniquilamento, tinham cometido atos criminosos “a fim de salvar a si próprios do perigo da morte imediata”<sup>60</sup>”.

Em *É isto um homem?*<sup>61</sup>, surge a figura de um homem que teria sido enforcado por auxiliar os *Sonderkommandos* na revolta de 7 de outubro de 1944. Na ocasião, tal grupo é apresentado como escravos que estavam tão esgotados quanto os demais, mas que encontraram força para agir e vingar o seu ódio. A cena retratada no livro não corresponde ao que ocorreu, mas serve para reabilitar a imagem deplorável feita anteriormente, ao mesmo tempo em que apresenta a resistência em face ao esmagamento da humanidade no homem<sup>62</sup>. Ainda sobre a resistência no *Lager*, em

---

<sup>56</sup> LEVI; BENEDETTI, 2015, p. 37.

<sup>57</sup> CEREJA; BRAVO; LEVI, 2014 [1983], p. 57-58; p. 61.

<sup>58</sup> LEVI, 2010, p. 16.

<sup>59</sup> LEVI, 2016, p. 40.

<sup>60</sup> ARENDT, 1999, p. 106.

<sup>61</sup> LEVI, 1988, p. 218.

<sup>62</sup> MESNARD, 2015, p. 111.



texto de 1966, Primo Levi<sup>63</sup> reflete sobre as dificuldades de se organizar tal movimento, seja pela fome ou pelo esgotamento físico, pelos obstáculos de comunicação com o mundo externo ao arame farpado, para superar a Babel dentro do próprio Campo, entre outras adversidades. A despeito disso, sabotagens foram feitas e movimentos de resistência prosperaram. Tal empenho teve efeito sobre os demais presos, inclusive moral, pois na medida em que se mostrava haver organização hostil ao nacional-socialismo, contribuía-se para a manutenção da vontade de viver<sup>64</sup>. O episódio mais importante a referida rebelião dos *Sonderkommandos* em Auschwitz-Birkenau de outubro de 1944. Levi atribui o motivo da revolta à percepção de que eles seriam eliminados em breve; na ocasião os nazistas já teriam levado 160 homens para o extermínio. Na verdade, o levante vinha sendo planejado e sistematicamente adiado pela Resistência do Campo desde 1943<sup>65</sup>. O assassinato sistemático dos membros do *Sonderkommando* foi apenas o estopim, tanto que alguns recursos para a insurreição já estavam sendo preparados<sup>66</sup>. Ao se levantarem contra os nazistas, muitos sabiam que não seria possível vencê-los e que a morte era certa, porém, havia o desejo de levar alguns dos opressores junto. O resultado da revolta foi pífilo – conseguiram matar três guardas e explodiram um dos fornos crematórios, mas seu efeito foi estrondoso, pois mostrara a falibilidade dos nazistas. O resultado do levante para os revoltosos foi a morte de 451 de seus membros e o aumento da violência para os que restaram vivos.

Os relatos historiográficos e testemunhais dão conta de que os *Sonderkommandos* eram constituídos, principalmente, por judeus de diversas nacionalidades e formações que executavam atividades que incluíam: a recepção de judeus recém-chegados ao *Lager*, auxiliá-los a se despirem, enviá-los para as câmaras de gás, retirar os seus corpos das câmaras e limpá-las antes da próxima leva de prisioneiros, arrancar os dentes de ouro e vasculhar os orifícios dos corpos atrás de eventuais itens valiosos, cortar os cabelos longos e separá-los, incinerar os corpos nos fornos crematórios ou piras, esmagar os pedaços de ossos remanescentes e eliminar as cinzas. Por serem forçados a trabalhos degradantes e fisicamente exaustivos, eles recebiam melhores vestimentas e alimentação. Responsáveis pela execução de atividades que envolviam o coração da máquina de extermínio nazista, os *Sonderkommandos* eram considerados *Geheimnisträger* (portadores de segredos). Por essa condição, viviam separados dos demais prisioneiros e sabiam que seu destino era a morte<sup>67</sup>. Não lhes restava muito,

---

<sup>63</sup> LEVI, 2005a, p. 217-218.

<sup>64</sup> LEVI, 2005a, p. 233-234.

<sup>65</sup> CHARE; WILLIAMS, 2017; GREIF, 2005.

<sup>66</sup> BARTOSIK, 2019.

<sup>67</sup> GREIF, 2005.



senão um pequeno vislumbre de esperança de sobreviver, muito mais por teimosia do que por chance concreta.

Além de encararem os riscos inerentes ao universo concentracionário e à função específica que lhes foi incumbida, alguns membros do *Sonderkommando* correram um perigo a mais, talvez considerado desnecessário, mas levado a cabo com um desejo decidido de não se submeterem de todo aos seus algozes. Sabendo que não viveriam muito e que a violência e a eliminação inúteis estavam à sua volta, alguns deixaram registros escritos sobre o que os seus olhos viram e sobre o que fizeram durante o aprisionamento. Conseguir papel, caneta e material para a conservação do escrito – itens que eles não poderiam ter – não era possível sem permutas com quem dispunha desses recursos. Trocavam alimentos, pedras preciosas, dentes de ouro, o que conseguissem esconder, também sob o risco de serem pegos e sumariamente mortos. Ao todo foram encontrados nove escritos enterrados entre os fornos crematórios, conhecidos como os *Scrolls of Auschwitz*, ou os *Pergaminhos de Auschwitz* – há notícia de que existiriam mais de trinta desses, porém eles não foram encontrados<sup>68</sup>. Ainda sob o signo do perigo, alguns prisioneiros desse *kommando* enterraram, entre os fornos crematórios, tantos dentes quanto foi possível, de modo que, no futuro, pudessem ser encontradas provas materiais de que milhões de pessoas foram assassinadas ali, e para corroborar os testemunhos escritos que deixaram. Outra atividade arriscada foi o registro fotográfico de prisioneiras sendo levadas para a morte, as famosas fotos analisadas por Didi-Huberman.

Levi<sup>69</sup> apresenta os *Sonderkommandos*, em *Os afogados e os sobreviventes*, como o caso limite da colaboração, e que, para falar em privilégio, só seria possível na medida em que se considerasse que eles tinham acesso, pelo tempo em que estivessem vivos, a maior quantidade de alimento e a melhores roupas. Levi reconhece que, para isso, pagava-se um alto preço<sup>70</sup>. Ao falar sobre a rotatividade dos esquadrões, Primo Levi reproduz uma informação atualmente retificada. No início do funcionamento das câmaras de gás, em 1942, havia uma rotatividade maior dos membros do *Sonderkommando*, o extermínio completo de um esquadrão teria ocorrido uma única vez –, o mais habitual era a eliminação e substituição dos homens considerados menos aptos ao trabalho. Visando a eficiência do processo, os nazistas logo decidiram formar grupos mais “permanentes”<sup>71</sup>. Alguns testemunhos recolhidos por Primo Levi<sup>72</sup> dão

---

<sup>68</sup> GREIF, 2005; CHARE; WILLIAMS, 2017.

<sup>69</sup> LEVI, 2016.

<sup>70</sup> LEVI, 2016, p. 38.

<sup>71</sup> BARTOSIK, 2019.

<sup>72</sup> LEVI, 2005a.



conta de que havia grande quantidade de bebidas alcoólicas disponível para que os *Sonderkommandos* permanecessem “num estado de embrutecimento e de prostração total<sup>73</sup>”. Este é outro ponto que requer explicação. Apesar de alguns desses prisioneiros fazerem uso eventual de bebidas alcoólicas, se embriagar não era comum. Cabe lembrar que eles deveriam estar física e mentalmente aptos para um trabalho extenuante que poderia durar mais de 12 horas<sup>74</sup>. Eles estavam submetidos à violência e a morte arbitrárias como qualquer prisioneiro que os guardas da SS considerassem incapacitado para o trabalho. Portanto, considerar a embriaguez entre eles como uma regra é incompatível com o próprio funcionamento da fábrica de cadáveres nazista.

Um importante testemunho reproduzido parcialmente por Primo Levi<sup>75</sup> e Agamben<sup>76</sup> foi o do médico húngaro, Miklos Nyiszli, protegido de Josef Mengele, que presenciou uma famosa partida de futebol entre os guardas da SS e os membros do *Sonderkommando* que teria enchido o ambiente do *Lager* com risadas sonoras e torcidas acaloradas. Se por um lado tal cena permite que tanto Primo Levi quanto Agamben ponderem a respeito da zona cinzenta, por outro, ela é insuficiente para demonstrar a cotidiana situação dos “corvos dos crematórios”. Os testemunhos desse grupo e o levantamento histórico<sup>77</sup> ao qual temos acesso hoje apontam muito mais para a constate exaustão e pavor em relação aos guardas da SS do que para a proximidade com os perpetradores – não que não houvesse casos. O relato de Nyiszli pode atrair confusão e desinformação sobre o cotidiano dos *Sonderkommandos*, na medida em que faz parecer que a rotina dos fornos crematórios era a socialização amistosa entre perpetradores e vítimas.

Além desse testemunho, Levi demonstra ter tido conhecimento dos testemunhos de Filip Müller, judeu eslovaco que participou do documentário *Shoah*, de Claude Lanzmann, e do testemunho de Salmen Lewental, judeu polonês que não sobreviveu ao *Lager*, mas deixou o seu registro enterrado entre os fornos crematórios de Auschwitz-Birkenau. Sobre os testemunhos de tais prisioneiros Levi conclui que de homens que lidaram com uma destituição radical “não se pode esperar um depoimento no sentido jurídico do termo, e sim algo que fica entre o lamento, a blasfêmia, a expiação e o esforço de justificativa, de recuperação de si mesmos<sup>78</sup>”. A despeito de ter pedido a suspensão do julgamento dos *Sonderkommandos*, tal

---

<sup>73</sup> LEVI, 2016, p. 40.

<sup>74</sup> BROWN, 2007, p. 157.

<sup>75</sup> LEVI, 2016.

<sup>76</sup> AGAMBEN, 2008.

<sup>77</sup> BROWN, 2015; CHARE; WILLIAMS, 2017; GREIF, 2005.

<sup>78</sup> LEVI, 2016, p. 41.



comentário não demonstraria ambivalência em relação a eles e uma espécie de julgamento<sup>79</sup>? Nesse sentido podemos perguntar com Brown<sup>80</sup>: embora julgar judeus privilegiados possa ser impossível, não seria também essa uma tarefa inevitável? Para ele, ainda que seja inapropriado avaliar os judeus da zona cinzenta, é importante reconhecer os dilemas éticos que esses casos nos confrontam. Talvez uma certa orientação para o tratamento desses casos seja o de não as pessoas, mas os argumentos utilizados para se justificarem<sup>81</sup>.

Em entrevista concedida a Anna Bravo e Federico Cereja, Primo Levi<sup>82</sup> relata já ter se perguntado o que teria feito caso fosse convocado a integrar o *Sonderkommando*. Teria tido coragem de se matar? Ele não responde diretamente à pergunta que ele mesmo fez, e se limita a dizer que há casos de pessoas que preferiram ser mortas a entrar nesse *Kommando* e outras não – parece haver referência aos quatrocentos judeus de Corfu que se negaram a entrar para o esquadrão e foram imediatamente assassinadas. Após a libertação do *Lager*, Levi observa que nenhum de seus membros falou de bom grado e que as informações recebidas chegavam de “minguados depoimentos desses sobreviventes, das confissões de seus “mandantes” processados diante de diferentes tribunais; de alusões contidas em depoimentos de “civis” alemães ou poloneses<sup>83</sup>”, além dos *Pergaminhos de Auschwitz*. É certo que nem todos que sobreviveram falaram, mas alguns se apresentaram para testemunhar tão logo houve quem estivesse disposto a ouvir, inclusive prestando depoimentos em diversos julgamentos de perpetradores. Considerando as informações às quais teve acesso, Primo Levi<sup>84</sup> considera quase impossível conceber uma representação de como tais homens viviam e viam a si mesmos e a sua condição, ou mesmo do que significava ser forçado a exercer tais atividades durante o encarceramento.

Como outros que foram obrigados a trabalhar próximo ao processo de extermínio nazista, os *Sonderkommandos* não pertencem a nenhuma comunidade memorial capaz de, não somente ouvir o seu testemunho sem julgamento, como a defender a singularidade da sua história, situação e experiência<sup>85</sup>. Alvos de fantasias e preconceito, e marcados pelo receio de julgamento, os testemunhos de seus membros despertaram pouco interesse da comunidade editorial e seus relatos seguem pouco

---

<sup>79</sup> BROWN, 2007.

<sup>80</sup> BROWN, 2015.

<sup>81</sup> ARENDT, 2016.

<sup>82</sup> CEREJA; BRAVO; LEVI, 2014 [1983], p. 126.

<sup>83</sup> LEVI, 2016, p. 39.

<sup>84</sup> LEVI, 2016, p. 39-40.

<sup>85</sup> MESNARD, 2015, p. 89.



conhecidos, permanecendo “párias da memória”<sup>86</sup>. Isso se reflete no pouco desenvolvimento de pesquisas sobre as questões éticas que eles provocam e que foram tão bem apontados por Primo Levi. Se eles representam algo impossível de ser integrado ao imaginário ocidental e objeto de interpelações frequentemente pejorativas, é porque apresentam um paradoxo da tentativa de representação da violência em sua forma mais radical<sup>87</sup> e, penso que podemos incluir também o paradoxo das responsabilidades éticas diante de uma escolha forçada. A partir dos anos 2010, principalmente, tem havido mais publicações sobre esse grupo de prisioneiros. Na atualidade temos um alcance maior a essa história, seja por pesquisas ou pela difusão da literatura de teor testemunhal, do que, possivelmente, Primo Levi pode acessar em seu tempo. Hoje podemos observar com Gideon Greif<sup>88</sup> que há algo de específico nos testemunhos de *Sonderkommando*: apesar de estarem em uma posição inumana, os seus relatos longe de mostrarem irreflexão, demonstram uma consciência do papel trágico no qual se encontravam e a partir do qual tomaram a palavra.

## Considerações finais

No que diz respeito à zona cinzenta, certamente existem ainda nuances a serem exploradas, pois existiram muitas categorias de prisioneiros privilegiados e vários Campos que podem ter apresentado posições de privilégio/colaboração, sobrevivência e violência distintas. Diferenças de gênero, posição política, de origem asquenaze ou sefardita, tipo de poder ou função dentro da hierarquia do *Lager* são apenas alguns dos elementos a compor a zona cinzenta. No que diz respeito ao *Sonderkommando*, parece que podemos concordar com Philippe Mesnard<sup>89</sup>, que eles eram muito humanos e que coube à cultura vesti-los como um objeto ruim, mas eles não se limitaram a isso. As ações de membros desses prisioneiros foram impulsionadas por extrema coação em que estavam apagadas noções centrais quando se pretende ajuizar sobre as responsabilidades individuais, como volição e intenção. Ademais, classificar diferentes prisioneiros de acordo com seu *Kommando* em algum tipo de escala virtuosa, não parece fazer muito sentido. Considerar os elementos da zona cinzenta aplicados a essa categoria de prisioneiros, aumenta a prudência que esses casos requerem.

Primo Levi não pretendeu esgotar a questão nem dar a palavra final sobre o que foi a experiência das pessoas acinzentadas, muito menos sobre o evento do *Lager*. Ele forneceu elementos de análise, traços que nos ajudam a explorar construções menos

---

<sup>86</sup> MESNARD, 2015, p. 96.

<sup>87</sup> MESNARD, 2015, p. 113.

<sup>88</sup> GREIF, 2005.

<sup>89</sup> MESNARD, 2015, p. 114.



simplicistas e maniqueístas, levantando questões complexas de difícil resolução que seguem em aberto, instigando investigações. Encerraremos com uma frase de Primo Levi que permanece desconcertantemente atual: “a verdade sobre os *Lager* veio à luz através de um caminho longo e de uma porta estreita, e muitos aspectos do universo concentracionário ainda não foram aprofundados<sup>90</sup>”. A referência era a passagem de quarenta anos desde a libertação de Auschwitz. Agora, passados setenta e sete anos, ainda nos encontramos diante de uma porta um tanto estreita, mas contamos com uma importante chave de leitura, que se parece “com um novo elemento ético”<sup>91</sup>, a zona cinzenta de Primo Levi.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. *Escritos judaicos*. Barueri, SP: Amarylis, 2016.

BARTOSIK, Igor. *The Sonderkommando revolt October 7, 1944*. Polônia: Auschwitz-Birkenau State Museum, 2019.

BELPOLITI, Marco. *Primo Levi di fronte e di profilo*. Itália/Milão: Guanda, 2015.

BRAVO, Anna. La zone grise. In : LEVI, Primo. *La zone grise: entretien avec Anna Bravo et Federico Cereja*. Paris : Manuels Payot, 2014, p. 13-154.

BRAVO, Anna. On the gray zone. *Centro Internazionale di Studie Primo Levi*, 2022. Disponível em: <https://www.primolevi.it/en/gray-zone-anna-bravo>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BROWN, Adam. The trauma of ‘choiceless choice’: the paradox of judgment in Primo Levi’s ‘grey zone’. In: SHARPE, Matthew; NOOMAN, Murray; FREDDI, Jason. *Trauma, history, philosophy: with feature essays by Agnes Heller and György Márkus*. Reino Unido: Cambridge Scholars Publishing, 2007, p. 142-163.

---

<sup>90</sup> LEVI, 2016, p. 13.

<sup>91</sup> AGAMBEN, 2008, p. 30.



BROWN, Adam. *Judging "privileged" Jews: holocaust ethics, representation and the "grey zone"*. New York/Oxford: Berghahn, 2015.

CEREJA, Federico; BRAVO, Anna; LEVI, Primo. Entretien avec Primo Levi, ex-déporté (27 janvier 1983). In: LEVI, Primo. *La zone grise: entretien avec Anna Bravo et Federico Cereja*. Paris: Manuels Payot, 2014, p. 49-131.

CHARE, Nicholas; WILLIAMS, Dominic. *Matters of testimony: interpreting the scrolls of Auschwitz*. New York: Berghahn Books, 2017.

GINZBURG, Carlo. Calvino, Levi et la zone grise. In: LEVI, Primo. *La zone grise: entretien avec Anna Bravo et Federico Cereja*. Paris: Manuels Payot, 2014, p. 9-26.

GREIF, Gideon. *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz*. EUA: Yale University and The Sue and Leonard Miller Center for Contemporary Judaic Studies at the University of Miami, 2005.

LANGER, Lawrence. Legacy in gray. In: KREMER, Roberta. (Ed.) *Memory and mastery: Primo Levi as writer and witness*. Nova York: State University of New York, 2001, p. 197-216.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *O último natal de guerra*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002.

LEVI, Primo. Resistance in the Camps. In: BELPOLITI, Marco. (Ed.), *The black hole of Auschwitz*. Reino Unido: Polity Press, 2005a, p. 121-144. (Versão e-book)

LEVI, Primo. Preface to J. Presser's *The night of the Girondins*. In: BELPOLITI, Marco. (Ed.), *The black hole of Auschwitz*. Reino Unido: Polity Press, 2005b, p. 301-323.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MESNARD, Philippe. Parias de la mémoire: la réception des témoignages écrits des Sonderkommando. In: MESNARD, Philippe. (Org.) *Sonderkommando et Arbeitsjuden: les travailleurs forcés de la mort*. Paris: Éditions Kimé, 2015, p. 89-116.





MESNARD, Philippe. Primo Levi, cheminement vers la zone grise. In MESNARD, Philippe; THANASSEKOS, Yannis. (Org.) *La zone grise entre accommodement et collaboration*. Paris : Éditions Kimé, 2010, p. 21-48.

SAFATLE, Vladmir. *O dever e seus impasses*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar, volume 24).

WILKERSON, Isabel. *Castas: as origens de nosso mal-estar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

ZIZEK, Slavoj. Why is every act a repetition? In: ZIZEK, Slavoj.. *Enjoy your symptom! Jacques Lacan in Hollywood and out*. New York: Routledge, 1992, p. 69-110.

-----

Recebido em: 28/03/2022.

Aprovado em: 01/04/2022.